Os Sonhos Acordados de Armanda Passos

*A Pintura é um Novo Mundo do Homem e seu proprio reino e obra*, *assim como o maior mundo é proprio de DEUS, derivado um do outro*. *É uma candea, uma lux que inesperadamente num lugar escuro mostra obras que antes não eram conhecidas…*

— Francisco de Holanda, *Da Pintura Antigua*, 1548

 Livro I, Capítulo 2 « Que Cousa é Pintura »

 *Aquele não sei quê*

*Que expira não sei como*

*Que, invisível saindo, a vista o vê*

— Luís Vaz de Camões, *Ode* VI

(...)

“Não há letras que cheguem a poder dizer os milagres que podem as colores e a grande força sua.” Esta declaração de Francisco de Holanda no final do seu capítulo sobre as cores poderia aplicar-se à pintura de Armanda, sobretudo na sua arrebatadora última fase, onde o vermelho domina quase exclusivamente.

(...)

Como notou José Augusto França, um finíssimo *connoisseur* da pintura de Armanda exposta na Galeria de São Mamede, na Rua da Escola Politécnica, em Lisboa, a sua arte é diametralmente oposta à pintura de Paula Rego: “Onde Paula Rego conta histórias em sua casa, ela as não conta – e tem o malicioso bom gosto de intitular as suas telas só pelo que fisicamente são, ‘a óleo’.” Na pintura de Armanda, as figuras existem pura e simplesmente. Nada de maldade, *pas de méchanceté*, “*no meaningless, meanness*”, diz o poeta…

(...)

Mais do que histórias, Armanda cria, direi eu, “quadros poéticos”, ou antes como explica Lessing no *Laokoon* (Berlim, 1766), “fantasmas poéticos” ou “sonhos acordados”. Afinal, qualquer um de nós é provavelmente capaz de ter sonhos acordados, se ficarmos atentos e nos prepararmos para isso. Mas só muito poucos o fazem. Fê-lo Opicinus de Canistris no século XIV nas imagens cartográficas antropomorfas criadas em segredo ao longo da noite em Avinhão durante o Grande Cisma; fê-lo Hieronymus Bosch no século XV nos Países Baixos em vastas visões delirantes como o tríptico das *Tentações de Santo Antão* do Museu das Janelas Verdes, em Lisboa. Armanda Passos entra nesta genealogia de artistas.

Pintura não narrativa, pintura impulsiva… Luís de Moura Sobral evocou a propósito da sua pintura a *Nave dos Loucos,* a *Narrenschiff* de Sebastian Brandt (Basileia, 1494), verdadeiro catálogo das loucuras do mundo. Mas se Armanda se olhar no espelho como o louco de Sebastian Brandt, é para ver a riqueza sem fim da Criação do Mundo, os casais de animais da Arca de Noé, a pomba branca com ramo verde no bico do fim do Dilúvio.

Fechada entre paredes, a sua vida é toda dedicada à pintura, “a verdadeira pintura” que é um “dom divino infuso”, e não só “actividade manual e natural”, como decretava o Censor da Inquisição Frei Bartolomeu Ferreira, que obrigou Francisco de Holanda a corrigir-se, a autocensurar-se, a despeito das suas convicções íntimas, profundas, inabaláveis.

“O pintor há de nascer já pintor”, escreveu Holanda nos seus *Provérbios na Pintura.* Ou ainda: “Para digno de ser pintor mester há nascer pintor, pois o pintar não se aprende.” Só que o dom divino não basta : “O natural que digo deve com tanto estudo e exercício de acompanhar… estudar de dia e todas as noites, que é tempo mais de estudar”, acrescenta o pintor teórico português.

E Armanda é só desenhar, desenhar, desenhar...

 “O que Armanda mais sumamente ama na vida, é arte. Nisso sonha, nisso vigia, nisso põe todo seu gosto e ferocidade, seguindo contente e cegamente só o Divino Nome da Pintura”, podemos dizer, citando as palavras de Francisco de Holanda que vêm no capítulo “Que tal deve ser o Pintor”.

(...)

Armanda tem necessidade de calma, silêncio e paz para criar. Ela espera e espera, armada de paciência e de esperança, o advento de um desses raros momentos fulgurantes em que o artista consegue captar um sonho enquanto está acordado. Daí nascem as suas melhores criações, os seus sonhos acordados.

(...)

Sylvie Deswarte-Rosa\*

Lyon, 11 de Outubro de 2012 - (Excertos do texto sobre a Pintura de Armanda Passos)

\*Directora de Pesquisa Emérita no CNRS, École Normale Supérieure Lettres et Sciences Humaines, Lyon

 Doutorada em História de Arte, Paris

 Premiada pela Fundação Calouste Gulbenkian

 Comissão científica e conferencista no IV Congresso História da Arte Portuguesa, 21.11.2012, FCG.